

O CANTO DE CISNE DO CINEMA FRANCÊS?

ARLETTE CHABROL
Correspondente

O último filme de Pasolini

(Salo ou os 120 Dias de Sodoma) e a mais recente realização de Glauber Rocha (Claro) são duas das 150 fitas inéditas que estão sendo exibidas no Festival Internacional de Cinema de Paris.

A mostra, que se pretende

"uma fotografia do cinema de autor em todo o mundo", se realiza pela primeira vez — e em meio a uma crise que compromete seriamente o futuro do cinema francês.

☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆

Paris (Via Varig) — Foi numa atmosfera de crise que se inaugurou o I Festival Internacional do Cinema de Paris. Depois da decisão governamental de taxar em 50% todos os filmes proibidos para menores de 18 anos, o mundo do cinema se pôs em atitude de combate. Os organizadores do festival, que não haviam previsto essa situação, queriam fazer do acontecimento uma "grande festa do cinema", algo que permitisse aos parisienses "engolir", com prazer, quilômetros e quilômetros de filmes, sem competição ("porque não se pode comparar Pasolini, Glauber Rocha e Jacques Demy, por exemplo") e sem sessões reservadas aos profissionais. O anunciado boicote, pelos sindicatos de espetáculos, da *soirée* inaugural, ameaçou projetar uma sombra sobre o pronunciamento do Presidente Giscard d'Estaing, que deveria cobrir de prestígio essa "noite do cinema", mas foi finalmente cancelado no último momento. Os cinéfilos não pensam mais em tais problemas (bem reais e que comprometem fortemente o futuro do cinema francês). Não têm mais tempo: o Festival de Paris lhes propõe 150 filmes em oito dias. Cento e cinquenta inéditos (na França ou no mundo). Entre eles, algumas *premières* mundiais muito esperadas,

a começar pelo último filme de Pasolini, *Salo ou os 120 Dias de Sodoma*, e o longa-metragem de Helvio Soto, *Il Pleut sur Santiago*. Outros filmes prenderam a atenção do público mais avisado, como *Claro*, de Glauber Rocha, ou *L'Extase du Sculpteur Steiner*, do alemão Werner Herzog, de quem se fala cada vez mais na França (depois de *Aguirre ou la Colère de Dieu* e de *L'Enigme de Gaspard Hauser*). Esperava-se muito também de dois outros alemães: Peter Lillienthal (*L'Ordre Règne Dans le Pays*, *première* mundial) e Werner Fassbinder (*Manan Kusters s'en va au Ciel*).

"Esses filmes — explica o organizador do festival, Jacques-Henri Deleau, também responsável pela Quinzena dos Realizadores, em Cannes — permitem uma fotografia do cinema de autor em todo o mundo, em 1975. Esse papel, o Festival de Veneza cumpria muito bem antigamente. Mas como Veneza praticamente não existe mais, cabe a Paris emprender essa tentativa".

Não querendo ser ingrato, o jovem cinema, neste festival, presta uma homenagem ao cinema de ontem. Assim, os parisienses têm oportunidade de descobrir algumas raridades, como *La Nouvelle Babylone*, de



GLAUBER ROCHA: CLARO
NO EXÍLIO PARISIENSE



PASOLINI: PROIBIDO NA
ITÁLIA, EXIBIDO NA FRANÇA

GR-CL. 02/003

continua

continuação

Kozintzev e Trauberg, que será projetado sábado com a música original, jamais escutada. Trata-se de uma partitura assinada por Chostakovitch e interpretada por 24 músicos, regidos por Marius Constant. Um acontecimento, mas não o único, porque logo em seguida se poderá ver *Le Miracle des Loups*, de Raymond Bernard, outra primeira versão, a ser projetada com o apoio de uma orquestra de 58 músicos, tocando a partitura de Henri Rabaut.

Espalhado por toda a cidade, ocupando, além do Palais de Chaillot, onde têm lugar as *premières*, uma dúzia de salas normais, o festival rende outras homenagens importantes, como a reservada aos grandes nomes do cinema francês: Marcel L'Herbier, os irmãos Prévert, Jean Renoir. Outro homenagem: a revista *Cahiers du Cinema*, com a programação de seis filmes lançados por ela entre 1959 e 1963. Duas salas, numa demonstração de que Paris não se deixa levar por sentimentos chovinistas, exibem exclusivamente filmes italianos. Um privilégio bem merecido, dada a vitalidade que o cinema de Cinecitta vem exibindo nos últimos 10 anos.

Resta perguntar por que criar um festival de cinema numa cidade aparentemente já saturada de filmes e de espectadores. Para o organizador da mostra não há mistério: "Paris promove festivais de música, de teatro, de dança. Por que não de cinema, se a cidade conta com maior número de cinéfilos do que Nova Iorque e Londres reunidas?"

Jacques-Henri Deleau se defende, por último, da acusação de pretender competir com o Festival de Cannes. Em primeiro lugar — diz — o orçamento de que dispõe não o permitiria: é quatro vezes inferior ao da mostra de Cannes. De mais a mais, em Paris não há qualquer disputa entre as obras apresentadas. E isso por uma razão muito simples: o cinema selecionado não é comercial (o que não quer dizer que não possa ser popular), mas sim um cinema de criação. "Ora — conclui Deleau — seria impossível lançar em competição realizadores de grande talento mas tão diferentes uns dos outros. Como comparar Pasolini com Gláuber Rocha?"

Melhor para os espectadores, que podem ver à vontade um e outro. E todos os outros.

CL2/3

Gr-CL. 02/003